

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

NOVOS DADOS ACERCA DAS FORMAS DE PÃO-DE-AÇÚCAR: O CASO DO ESTUDO DAS FORMAS DESCOBERTAS NA RUA AFONSO DE ALBUQUERQUE, PENICHE (CENTRO DE PORTUGAL)

Adriano Constantino¹

RESUMO

A presença das formas de pão-de-açúcar no concelho de Peniche era apenas conhecida na Berlenga até à sua descoberta em trabalhos arqueológicos realizados em 2012 na Rua Afonso de Albuquerque na cidade de Peniche. O conjunto de vários fragmentos de várias tipologias e de pastas diferentes sugere várias produções levantando várias problemáticas, origem da sua produção, o transporte marítimo e as rotas associadas como destino final destes recipientes.

Palavras-chave: Peniche, Formas de pão-de-açúcar, Descobrimientos, Arqueologia, História.

ABSTRACT

In the municipality of Peniche, the presence of the sugar-loaf forms was only known on the island of Berlenga until its discovery in 2012 at a archaeological job at the Rua Afonso de Albuquerque in the city of Peniche. The set of several fragments of different types and different folders, suggests several productions raising various problems, origin of their production, shipping and associated routes as the final destination of these containers.

Keywords: Peniche, Sugar molds, Discoveries, Archeology, History.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo insere-se no estudo dos materiais provenientes das sondagens arqueológicas e subsequente acompanhamento arqueológico realizados no decurso do projeto de edificação na Rua Afonso de Albuquerque, 13-23, freguesia e concelho de Peniche, distrito de Leiria com as seguintes coordenadas: latitude 39°21'19.53"N; longitude 9°22'47.36"W. Os trabalhos decorreram entre 28 de Maio e 24 de Julho de 2012, sendo efetuados pela ERA – Arqueologia SA, sob a coordenação da Dr.ª Inês Mendes Silva.

Esta intervenção resulta do local se encontrar na Zona Especial de Proteção da Fortaleza de Peniche, classificada como monumento nacional, e na Zona de Proteção da Igreja de S. Pedro, classificada como Imóvel de Interesse Público.

2. CONTEXTO HISTÓRICO

Até ao século XV Atouguia da Baleia apresentava-se como um importante porto comercial perdendo o seu fulgor devido ao assoreamento progressivo que a foz do rio de São Domingos sofreu culminando na ligação da ilha de Peniche ao continente. Esta transformação geográfica irá ditar o declínio da vila de Atouguia e o acréscimo gradual da importância económica de Peniche determinando em 1609 a separação administrativa da vizinha Atouguia da Baleia e a elevação a vila e sede de concelho. Nos séculos XVI e XVII, Peniche conheceu um notável crescimento, tornando-se num importante porto. Na Matricula Geral de Mareantes de 1620, Peniche surge com 628 inscritos, atrás de Setúbal com 856 e do Porto e do seu termo com 1379 inscrições (F. Mauro 1979 p.77 apud Costa 2001 p. 433). Das localidades de recruta-

1. Patrimonium – Centro de Estudos e Defesa do Património da Região de Peniche; adrianoconstantino84@gmail.com

mento de mestres/armadores destacam-se Peniche, Lisboa e Porto. Do período compreendido entre 1596 e 1639 fizeram exame 59 mestres (Polónia 1995) para a carreira do Brasil verificando-se um maior período de exames entre 1606 e 1614 com 61% do total e após 1624 a vila penicheira fornece mais armadores que Lisboa e Porto, a estes mestres deve-se ainda juntar dezoito nomeados para as armadas da Carreira das Índias (Costa 2011). Ainda neste conjunto de mestres/armadores deve-se juntar Atouguia da Baleia. Esta vila terá como porto Peniche, ficando a cerca de 3km de distancia existindo inclusive o topónimo para Peniche de Baixo de Ribeira de Atouguia, além de até 1609 o espaço administrativo ser todo um existindo posteriormente a essa data a existência de dois concelhos. Devido à proximidade entre ambas as povoações é muito provável que existisse população de Atouguia da Baleia que estivesse relacionado com as atividades marítimas em Peniche e daí surgir a referência ao antigo porto. Assim para o mesmo período entre 1596 e 1639 existem doze cartas de exame com a referência a Atouguia da Baleia. No período compreendido entre 1596 e 1648 Peniche apresenta-se como o segundo porto a nível nacional com mais nomeações de pilotos para a carreira do Brasil (Polónia 1995), esta dinâmica comercial, estará em parte, ligada ao comércio do açúcar, surgindo na documentação referências a este comércio como se comprova no livro de receitas e despesas de 1626/27 da Santa Casa da Misericórdia de Peniche: “7\$00 reis cobrados a Amador Gomes do aluguer do primeiro asuque que se meteo na caza da Santa Misericórdia” (Florival 1997 p. 187), ou então no treslado que foi acrescentado ao foral em 1612, estando no capítulo oitavo em que se refere aos pescadores: “. . . depois de venderem seus pescados nos portos de Castela indo nela ao Brasil, serão obrigados, conforme o dito a trrzerem os ditos dez mil réis empregados em açúcar a risco do dito Donatário. . .” (Pereira 2006 p.68).

3. OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA RUA AFONSO DE ALBUQUERQUE

Os trabalhos arqueológicos iniciais incidiram em 10 sondagens de 2 x 2m, num total de 40m², repartidas pela área do projeto como medida de diagnóstico. No entanto, foi decidido que o canto Sudoeste, uma vez que aí afloravam argilas de formação natural e o substrato geológico, composto por calcário não

necessitavam de sondagens, notando-se, que havia já sido removida uma camada de terra de cerca de 0,70 m nesta área, restando apenas uma estreita faixa conservada junto à parede do edifício contíguo. Em contraposição, próximo do limite Este foram detetadas estruturas e depósitos conservados que levaram a uma maior concentração de sondagens nesta área tendo-se utilizado metros quadrados de duas sondagens para o alargamento de duas outras, totalizando deste modo 8 sondagens. Devido à identificação de depósitos conservados no canto Sudeste foi realizada no local reunião com a Tutela onde foi decidida a escavação arqueológica da área onde iriam ser implantadas as sete sondagens deste canto. A grande proximidade entre duas sapatas levou a que estas fossem aglomeradas numa única sondagem, permitindo uma melhor compreensão da estratigrafia. Concluída a escavação procedeu-se apenas ao acompanhamento arqueológico das restantes movimentações de terra, uma vez que se afigurava pouco provável a presença de depósitos ou estruturas conservadas na área das restantes sapatas e remoções de terra (Amélia 2012).

3.1. Estratigrafia

A área intervencionada apresentou uma estratigrafia relativamente simples. No canto Sudeste foram identificadas estruturas encostadas por depósitos, contendo cerâmicas datáveis dos séculos XVI e XVII, nomeadamente loiça malagueira e faiança com motivos em azul. Por sua vez, no canto Nordeste foram registadas estruturas com aparelhos idênticos às anteriores, não existindo, contudo, depósitos conservados nesta área. Embora a Sondagem 10 tenha relevado que o muro [707]=[1001] se trata da delimitação entre a área Sul com depósitos conservados e a área Norte onde este não se preservaram ou não existiram apontado para a cronologia XVI e XVII. Em contraposto no canto Sudeste existem tanto estruturas como depósitos associáveis ao mesmo período.

Relativamente à área a Oeste verificou-se que existiam apenas depósitos de formação natural, revolvimentos recentes e os alicerces do edifício demolido no contexto desta obra, à exceção de uma estreita área conservada no limite Sul, junto à parede do edifício contíguo. A identificação nesta faixa, revelou estratos conservados e muros com aparelho construtivo análogos aos demais, apontando que a ocupação nos séculos XVI e XVII se estenderia também

para esta área Oeste, porém estes níveis foram destruídos por ações de terraplanagem durante a construção do edifício atual (*idem*) (Figura 1).

4. AS FORMAS DE PÃO-DE-AÇÚCAR

As formas de pão-de-açúcar inserem-se no contexto de “cerâmica do açúcar” fazendo ainda parte os sinos as panelas ou porrões, tendo como denominador comum a relação com a produção de açúcar e seus derivados. As formas de pão-de-açúcar, caracterizam-se por apresentarem uma morfologia cônica com tamanhos diversos, apresentando um pequeno orifício na extremidade servindo para verter os líquidos resultantes do processo de purga. Esta peça de cerâmica servia ainda como molde para a obtenção do pão-de-açúcar depois de desenformado (Sousa 2011 p. 428-429).

Do material recolhido proveniente dos trabalhos arqueológicos foi possível identificar vários fragmentos de formas de pão-de-açúcar, sendo que nenhuma forma estava completa, estando apenas presente bordos e algumas paredes dos recipientes, destacando-se a ausência de fundos. Para o seu estudo, procedeu-se à marcação dos fragmentos e posteriormente a colagem. No total obteve-se dezassete bordos que foram desenhados e classificados consoante as suas características.

4.1. As pastas

Do conjunto recolhido foi possível identificar dezassete bordos, não tendo sido identificado nenhum fundo. Após uma análise macroscópica das pastas foi possível identificar três tipos de pastas. Desta forma a pasta de fabrico 1 caracteriza-se pela tonalidade alaranjada, de textura tendencialmente compacta, com abundantes elementos não plásticos de reduzida dimensão (micas e quartzito), e com a presença de negativos de elementos vegetais durante o processo de cozedura. A pasta de fabrico 2 apresenta uma cor avermelhada de tendência compacta a muito compacta, com vestígios de negativos de elementos vegetais durante a cozedura, os elementos não plásticos são de reduzida dimensão de quartzitos e micas, sendo este mais abundante que na pasta do tipo 1. A pasta de fabrico 3 é uma pasta mais grosseira de tonalidade rosada com abundantes elementos não plásticos de quartzito, micas e quartzito, apresentado alguns elementos de grandes dimensões, apresenta uma textura compacta, nos dois fragmen-

tos correspondentes não existe nenhum tratamento das superfícies. A cozedura redutora/oxidante encontra-se em seis fragmentos enquanto a cozedura oxidante encontra-se nas restantes peças.

4.2. Tipologia

No total de 17 fragmentos de bordo foi possível identificar várias formas que foram agrupadas consoante as suas características. A maioria tem por diâmetro externo do bordo entre os 18cm e os 22cm, contudo existem duas peças com diâmetros com diâmetros a chegar de 29cm e 34 cm. Estes diâmetros distintos estão relacionados com dois tamanhos diferentes das formas, uma mais pequena e outra maior, a dimensão da forma iria influenciar o momento de secagem do pão-de-açúcar, quanto maior fosse o tamanho mais tempo demorava a obter a secagem integral (Silva 2012 p.36).

A forma 1 subdivide-se em 1.1 em que se caracteriza-se por ter um bordo espessado externamente, lábio arredondado e paredes retas (Estampa I-1,2,3,4; Estampa II-6,7,8, Estampa IV-13 e 15) e 1.2 em que se caracteriza por ter o bordo espessado externamente e com o lábio ligeiramente invertido para o interior (Estampa IV-13), a forma 2 está representada por bordos retos com os lábios arredondados (Estampa III 9,19,11), a tipologia 3 está representada apenas por um fragmento em que apresenta um bordo espessado externamente e o lábio triangular (Estampa IV-14), a tipologia 4 apresenta diâmetros maiores com 29cm e 34cm, sendo dividida em duas subtipologias: 4.1. (Estampa IV-17). em que o bordo é espessado externamente com o lábio arredondado e a 4.2. o bordo é espessado e o lábio é triangular. A forma 5 está presente apenas em um fragmento em que o bordo é espessado internamente e o lábio arredondado (Estampa IV-16). Os acabamentos de superfície são sobretudo engobes interiores e exteriores com a exceção das peças 4, 16 e 17 que é apenas interno.

A peça número 1 apresenta uma marca impressa no bordo com a letra “R”, podendo ser a marca do oleiro, também a peça número 7 apresenta o resto de uma possível grafito. Contudo ainda não foi possível identificar a proveniência dos fragmentos não se excluindo a hipótese de Paimogo, concelho da Lourinhã ser um dos centros produtores que utilizaria o porto de Peniche para escoar os seus produtores ou então Geraldês, freguesia de Atouguia da Baleia, Peniche, antigo centro oleiro (Batalha 2000) e onde re-

Nº	U.E.	Pasta	Cozedura	Formas	Diâmetro	Outros
1	[1306]	2	Redutora/Oxidante	1.1	19cm	Marca
2	[1306]	1	Oxidante	1.1	18cm	
3	[1304]	2	Oxidante	1.1	19cm	
4	[1105]	2	Oxidante	1.1	22cm	
5	[401]	2	Oxidante	5	23cm	
6	[1203]	1	Oxidante	1.1	20cm	
7	[409]	1	Redutora/Oxidante	1.1	19,9cm	Grafito
8	[1202]	1	Redutora/Oxidante	1.1	20cm	
9	Superfície	1	Redutora Oxidante	2	19,5cm	
10	[1105]	1	Redutora/Oxidante	2	19cm	
11	[801]	1	Oxidante	2	19cm	
12	Superfície	2	Oxidante	1.2	21cm	
13	[802]	1	Redutora/Oxidante	1.1	20cm	
14	[802]	1	Oxidante	3	19cm	
15	[105]	1	Oxidante	1.1	19cm	
16	[1211]	3	Oxidante	4.2	29cm	
17	[1203]	3	Oxidante	4.1	34cm	

Tabela 1 – Descrição dos fragmentos.

centemente foram identificadas, pela associação Patrimonium, na Travessa dos Clérigos numa casa em ruínas, várias formas de pão-de-açúcar embutidas na parede. Este tipo de utilização como material de construção está já identificado em Aveiro (Morgado, Silva e Filipe 2012 pp. 171-181) (Figura 2).

As tipologias identificadas na rua Afonso de Albuquerque diferem em alguns casos das formas de pão-de-açúcar identificadas na Berlenga pelas investigadoras Jacinta Bugalhão e Sandra Lourenço (Lourenço e Bugalhão 2006). Os fragmentos encontrados na Berlenga apresentam bordos emoldurados, o que não se verifica em Peniche, em sentido oposto, os bordos espessados externamente, em alguns casos, observa-se semelhanças como o caso dos materiais com os números 193, 195, 225 entre outros, esta tipologia enquadra-se na tipologia 3 de Machico apresentada por Elvío Sousa (Sousa 2011 p. 443), ou do Tipo 3 da Mata da Machada (Silva 2012). A presença de formas de maior e de menor dimensão vai ao encontro do estudo realizado por Cláudio Torres sobre as formas de pão-de-açúcar da Mata da machada apresentado o Tipo I (formas médias) e Tipo II (formas grandes) (idem, p.26).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes novos dados aqui apresentados vem demonstrar que a presença das formas de pão-de-açúcar na

região de Peniche é mais vasta que até agora se conhecia. A presença destas formas na rua Afonso de Albuquerque, próxima ao antigo porto, poderá estar relacionada com as viagens marítimas e o comércio que daí advinha. Contudo as formas de pão-de-açúcar encontradas na Berlenga estarão relacionadas com o convento que lá existia até meados do século XVI e hipoteticamente com a refinação do açúcar (Silva 2012 p.80). O surgimento destas formas também na aldeia de Geraldês, a cinco quilómetros de Peniche, poderá ser um indicador de estarmos perante um centro produtor que conjuntamente com Paimogo escoaria os seus produtos pelo porto penicheiro, podendo as formas encontradas em Peniche vir de ambos os sítios.

Desta forma podemos estar perante um cenário de refinação na Berlenga até à primeira metade do século XVI enquanto em Peniche com materiais destinados ao comércio, com a cronologia a apontar para finais do século XVI primeira metade do XVII, este desfazimento cronológico poderá ser a causa de termos tipologias diferentes nos dois sítios. (Figura 3, 4, 5 e 6).

BIBLIOGRAFIA

AMÉLIA, Inês (2012) – *Sondagens arqueológicas na rua Afonso de Albuquerque 13-23 Peniche*, Relatório de Escavação, [texto policopiado].

BATALHA, Ana (2000) – *Geraldes, Os oleiros de Geraldes*, in jornal “O Pelourinho”, nº3, Ed. Junta de Freguesia de Atouguia da Baleia, pp. 39-40.

COSTA, Maria Leonor Freire (2001) – *O Transporte no Atlântico, As frotas do Açúcar (1580-1663)*, Dissertação de Doutoramento a apresentar ao Instituto Superior de Economia e Gestão, Vol. 1, Texto Policopiado.

FLORIVAL, Maurício Ferreira (1997) – *A Santa Casa da Misericórdia de Peniche (1626-1700) – Subsídios para a sua História*, Santa Casa da Misericórdia e Câmara Municipal de Peniche, Rio Maior, pp. 187.

LOURENÇO, Sandra; BUGALHÃO, Jacinta (2006) – *As Formas de Pão de Açúcar da Ilha da Berlenga*, in *A Cerâmica do Açúcar em Portugal na Época Moderna*, Coleção “Mesa Redonda”. Lisboa/Machico. 1, pp. 47-61.

MORGADO, Paulo Jorge; SILVA, Ricardo Costeira da; Filipe, Sónia Jesus (2012) – *A cerâmica do açúcar de Aveiro: recentes achados na área do antigo bairro das olarias*, in *Atas do Congresso Velhos e Novos Mundos Estudos de Arqueologia Moderna*, Vol. 2, Centro de História Além-Mar, pp. 171-18.

SILVA, Filipa Galito (2012) – *As formas de pão-de-açúcar da olaria da Mata da Machada e o comércio marítimo atlântico, no século XV e primeira metade do século XVI*, Universidade Nova de Lisboa, [texto policopiado].

SOUSA, Élvio (2011) – *Ilhas de arqueologia: o quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores: (séculos XV-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Vol.1. [texto policopiado].

PEREIRA, Mário Baptista (2006) – *Atouguia da Baleia seus forais e seus termos: lembrando o passado*, Junta de Freguesia de Atouguia da Baleia, pp. 68.

POLÓNIA, Amélia (1995) – *Mestres e pilotos das carreiras ultramarinas (1596-1648). Subsídios para o seu estudo*, Revista da Faculdade de Letras. História, 2ª Sr., vol. XII, pp. 271-353.

CARTOGRAFIA

Planta da Praça de Peniche, e de parte da Península, em que está situada, com o projecto das obras de fortificação necessárias para a pôr em estado de defesa. Autor: Azedo, Eusébio Dias, fl. ca 1800.



Figura 1 – Localização do sítio assinalado a vermelho através do mapa da praça da autoria do Tenente Coronel Eusébio Dias Azedo, Peniche 1800.



Figura 2 – Formas de pão de açúcar encontradas em Geraldês.



Figura 3 – Estampa 1.

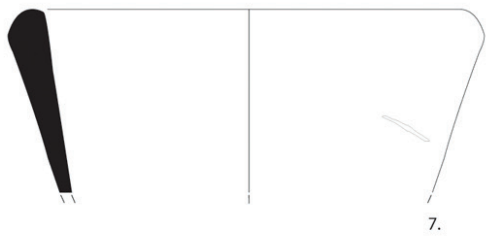
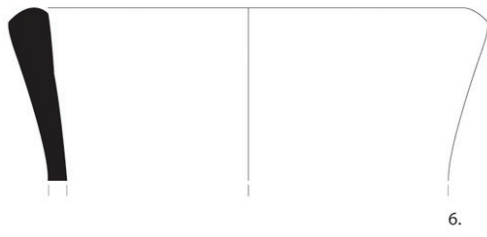


Figura 4 – Estampa 2.



9.



10.



11.



Figura 5 – Estampa 3.

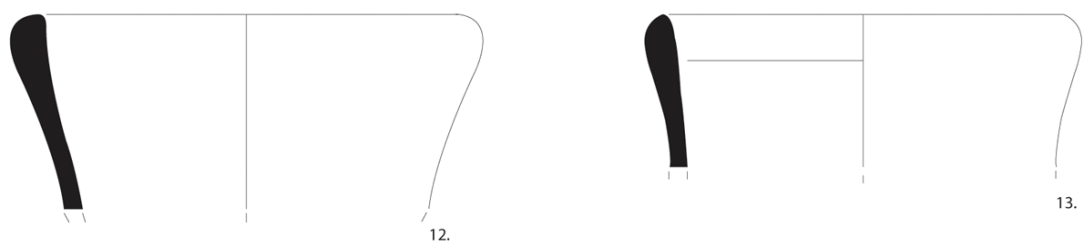
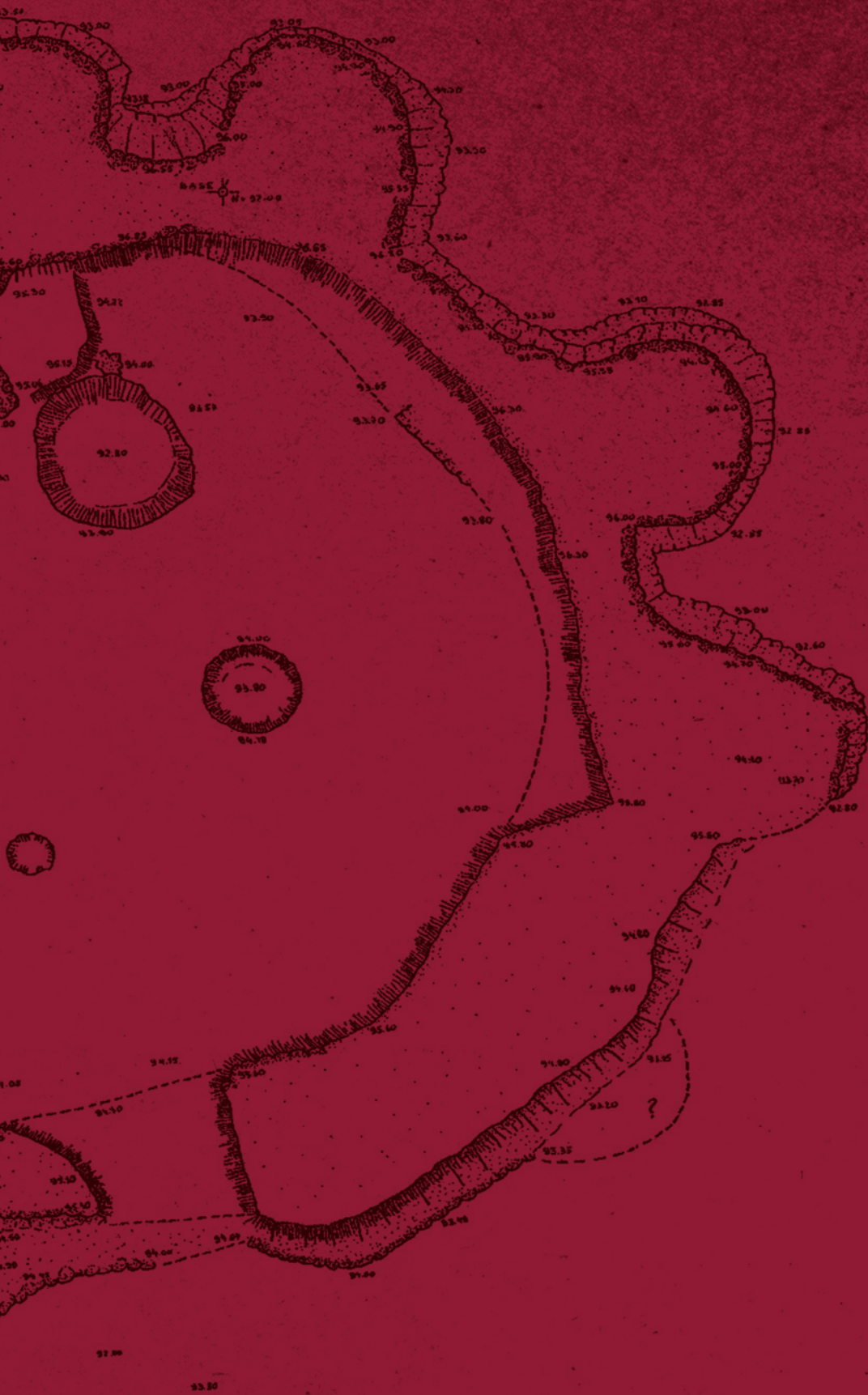


Figura 6 – Estampa 4.



Patrocinador oficial